

## “ENTRE CAMINHOS DA MEMÓRIA DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UECE”: UMA ANÁLISE DE SEUS SESSENTA E CINCO ANOS.

Leopoldo de Macedo Barbosa<sup>1</sup>

### RESUMO

Em 2015 o curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará comemorou seus sessenta e cinco anos. Inicialmente escola e fundada em 1950, esteve vinculada ao Instituto Social de Fortaleza e em 1956 foi incorporada a então Universidade do Ceará. Em 1975, se transformou em graduação da recém-criada Universidade Estadual. Nesses *entre caminhos* até a atualidade a instituição se consolidou quanto ao enfrentamento das problemáticas sociais no Estado. Assim, através dessa temática, destacamos o objetivo do referido texto que é de abordar a trajetória do curso, contextualizando com a história da área no país e utilizando as discussões sobre o conceito de *memória* para embasar o referencial teórico.

**Palavras-chave:** Serviço-social – memória – Universidade Estadual do Ceará

### ABSTRACT

In 2015 the course of Social Work celebrated his sixty -five years. Initially school and founded in 1950 was linked to the Social Institute of Fortaleza and in 1956 was the University of Ceará incorporated. In 1975 it turned into graduate of the newly established State University. Among these paths until today the institution has established itself as the face of social problems in the state. It is through this issue that this text address the history of the course, contextualizing with the area's history in the country and using the discussions on the concept of *memory* to support the theoretical framework.

**Keywords:** Service -social - memory - State University of Ceará

**RECEBIDO** 18/06/2015

**AVALIADO** 08/09/2015

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE). Email: leopoldombarbosa@gmail.com

O ano de 2015 representou para a Universidade Estadual do Ceará a comemoração de seus quarenta anos. Durante esse tempo, graduações foram incorporadas e outras surgiram levando a UECE a se tornar referência de ensino superior do país. Inclusive, determinados cursos representam a força motriz da formação profissional no Estado a partir do nível de qualidade como também, de representatividade, pois algumas graduações se encontram ofertadas em poucas instituições de ensino superior. Dentre elas, uma nos chama a atenção porque sua história se confunde com a da própria universidade em termos de importância: a de Serviço social.

Falar do curso, entre outros aspectos, é buscar sua sedimentação, ou seja, a consolidação de uma instituição que ao longo do tempo buscou refletir sobre as desigualdades sociais bem como, seu papel diante da sociedade. Analisar então, a trajetória percorrida do curso de Serviço social torna-se relevante para entender a maturação e o porquê da representatividade do mesmo na UECE. Nesse texto então, não apenas são abordados os quase setenta anos de História e sim, todo um bojo conjectural, envolvendo sujeitos sociais, momentos como também, transformações teórico-metodológicas que fomentaram e fomentam a construção de tal trajetória.

Além disso, o papel da *memória* se torna referência no respectivo texto, pois, buscando compreender a conjectura em relação a formação do curso, remetemos às lembranças de personagens que participaram ativamente da história. Lembranças essas, que ressaltaram, por exemplo, momentos como a vigilância considerável na atividade profissional ocasionada pela ditadura militar nas décadas de 1960/1970. Não podemos esquecer também que a *memória* no respectivo texto, não só está relacionada apenas aos sujeitos, mas também às instituições, pois espaços como faculdades, universidades ou empresas podem estar intrinsecamente ligada a determinadas transformações históricas e com isso, compreender suas trajetórias se tornam possibilidades de entendimento de um âmbito histórico maior<sup>2</sup>.

Para tal empreitada nós destacamos entre as fontes, a publicação intitulada *Fragmentos do passado e do presente: sessenta anos de Serviço Social no Ceará*<sup>3</sup>, organizada pelas pesquisadoras Liduína Farias, Leila Maria e Maria da Conceição. O livro é um compêndio dividido em três partes reunindo materiais documentais sobre a trajetória do curso entre pesquisas, registro iconográfico, biografias dos fundadores bem como, uma compilação de discursos, durante solenidade de comemoração de seus sessenta anos em 2010.

O tomo um *Sobre o passado* remonta às lembranças de fundação do curso e percebe-se logo de início a preocupação com a noção de *memória* para embasar tal discussão. Nomes

<sup>2</sup> RODRIGUES, J. IV Criação e expansão da Unifesp: marcos da memória e da história instituição. In RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., e BIONDI, L. *A Universidade Federal de São Paulo ao 75 anos: ensaios sobre história e memória* [online]. São Paulo: UNIFESP.

<sup>3</sup> COSTA L. F. A.; BEZERRA L. M. P. S.; PIO M. C. *Fragmentos do passado e do presente: sessenta anos de Serviço Social no Ceará*. Fortaleza: EDUECE, 2010.

como Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi fundamentam o bojo teórico, deixando presente a preocupação das autoras em substanciar uma análise histórica sem cair no factual ou superficial. Incluímos também a forte influência do marxismo na obra já que a respectiva teoria se encontra nas concepções conceituais da área atualmente. Assim no texto existente, por exemplo, no primeiro tomo escrito pelas autoras Liduína Farias, Leila Maria há uma articulação entre uma história de perspectiva marxista e *memória*, a última no caso, além de embasar, serve também para justificar a importância de retomar o passado.

O que torna também interessante tal seção são as extensas fontes entre materiais escritos e visuais. Destaca-se então a ata manuscrita que lavraria a formação do Instituto Social de Fortaleza, um dos primeiros trabalhos de conclusão de curso (descrito no tópico um desse texto) na íntegra e importante para dimensionar as propostas teórico-metodológicas da área, na década de 1950, além de diversas fotografias que apresentavam, não só o cotidiano dos estudantes, mas também as transformações ocorridas na trajetória da graduação abordada.



**Turma de 1968**

**Jogos Universitários no auge da Ditadura Militar e coincidentes com o “Movimento de 68” Francês<sup>4</sup>**

O tomo dois *Por um Serviço Social Reflexivo* representa uma compilação de pesquisas realizadas pelo *Núcleo de Pesquisa e Documentação do Serviço Social (NUPEDSS)*. Os textos são referenciais para entender a historiografia do curso e do Ceará bem como, as transformações teórico-metodológicas que influenciavam a instituição. Nas palavras de Neíse Távora em depoimento no ano de 1987 temos a dimensão da importância do núcleo para a respectiva área:

---

<sup>4</sup> *Idem.*

[...] Os Cadernos NUPEDSS são testemunhas vivas da intensidade com que o Serviço Social buscou a reflexão crítica, colocando a si mesmo como objeto de investigação, especialmente na segunda metade da década de 1980 (...) Atualmente [em 1987] a prática profissional está sendo objeto de preocupação de grande parte da categoria, e nessa perspectiva, “o componente missionário e utópico presente na tradição conservadora do Serviço Social tende a ser redimensionada”, tenta-se agora, não de forma ingênua, mas criticamente, propor novos encaminhamentos, novas direções às práticas dos Assistentes Sociais [...]”<sup>5</sup>.

Assim, destacamos a pesquisa intitulada *Igreja e Sociedade: As protoformas do Serviço Social no Ceará* publicada no ano de 1987 de Francisco Josênio Camelo Parente, analisando uma mudança de postura, principalmente a partir da Igreja Católica em relação à preocupação social, motivada pelas novas demandas no Brasil dos setores populares que sofriam no início do século XX cada vez mais com uma sociedade excludente e preocupadamente desigual. O outro trabalho a ser destacado intitula-se *As Relações sociais e o Serviço Social no Ceará* publicado também no ano de 1987 de Neíse Távora Silva, abordando o contexto histórico estadual e nacional que marcava a criação do curso na década de 1950.

A última parte *Sobre o Presente* remete à produção atual acadêmica da graduação bem como, às comemorações de seus sessenta anos, reunindo fotografias e discursos. Destaca-se, por exemplo, uma pesquisa do ano de 2002 de Mirla Cisne intitulada *Serviço Social no Ceará na década de 1950: o intercruzamento entre classe, gênero e catolicismo* abordando a questão de gênero em relação à trajetória do curso e suas profissionais, além disso ressalta-se também na publicação uma série de discursos proferidos em homenagem a instituição.

Em resumo: a publicação tem sua importância em relação aos seus objetivos, pois ao retomar o passado, a mesma através de suas autoras tem a preocupação de substanciar tal discussão através da relação entre História e *memória*. Com destaque ao livro percebemos que buscar a historicidade do Serviço social não só é relevante para ressaltar o passado, mas também dimensionar os momentos históricos de inflexão do curso sempre a par da sociedade<sup>6</sup>. Assim, iniciamos com o contexto histórico que marcou a formação das escolas da respectiva área durante o século XIX no mundo e posteriormente falamos especificamente do caso do Ceará relacionando-o com o âmbito nacional.

<sup>5</sup> SILVA, Neíse Távora de França e. Depoimento: [1987]. Fortaleza. In: **Fragments do passado e do presente: sessenta anos de Serviço Social no Ceará**. Fortaleza: EDUECE, 2010, p. 229.

<sup>6</sup> COSTA L. F. A.; BEZERRA L. M. P. S.; PIO M. C., op. cit., p. 24.

## 1. O início

### 1.1. As agruras provocadas pela industrialização e a formação das Escolas de Serviço social na Europa no século XIX

Com o avanço do processo de industrialização na Europa no século XVIII cada vez mais a questão social<sup>7</sup> era a tônica que escancarava o grande abismo entre a necessidade de uma produção mais intensa dada à demanda das grandes indústrias em relação ao contexto mundial e as condições dos trabalhadores para a realização de tal objetivo. Assim, a necessidade de atenção à problemática social passava a ser uma questão de ordem entre setores ligados às camadas populares. Inicialmente, a grande responsável pela situação dos empregados era a Igreja Católica Romana, pois “as igrejas tinham [...], uma missão social de impor a paz política e a de fazer caridade, com intuito muito claro de apaziguar os conflitos da população que sofria com todas as formas de desigualdades e explorações”<sup>8</sup>. Assim, as chamadas *damas da caridade* realizavam trabalhos solicitados pela Igreja e representavam as pessoas responsáveis pelo trabalho social: não era exatamente um trabalho institucionalizado, porém significavam formas de atenuar as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores.

Com o agravamento da respectiva situação, durante a transição do século XIX para o XX, a institucionalização agora também passava a ser questão necessária e prioritária, assim, a figura de um profissional e a estruturação de uma área responsável pela questão social era inevitável: como marco da profissão, surgiu em 1899 na cidade de Amsterdã a primeira escola de Serviço social no mundo. Entre os teóricos que colaboravam para a sistematização da área destacamos a pesquisadora estadunidense Mary Richmond:

Havia uma sociedade capitalista em desenvolvimento. Uma época de profundas crises econômicas, com a pobreza e a miséria se alastrando, consequências do rápido crescimento urbano e industrial. A Sociologia tentou dar conta de tudo isto e oferecer uma explicação não religiosa ao que acontecia na sociedade e, ao mesmo tempo, havia na sociedade americana várias experiências de filantropia e caridade, tendendo a procurar um espaço dentro das novas profissões emergentes. Foi juntando tudo isso e mais a preocupação de em reformar essa sociedade que Mary Richmond, uma assistente social norte-americana, no início do século XX, teve a sensibilidade de começar a pensar e a escrever a respeito do que é Serviço Social e do como ele deveria ser exercido<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> [...] conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana - o trabalho - das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. [...] expressa portanto disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal. IAMAMOTO, Marilda Vilela. A questão social no capitalismo. *Revista Temporalis*. n. 03 Jan-Jun. 2001. Brasília. 2001, p. 16-17.

<sup>8</sup> FREIRE, A. S.; CÂNDIDO, S. S. Uma análise do serviço social no Brasil. *Revista Eletrônica da Faculdade José Augusto Vieira*, Sergipe, ano 6, n. 8, ago. 2013, p. 353. Disponível em: <[http://fjav.com.br/revista/Downloads/edicao08/Artigo\\_348\\_364.pdf](http://fjav.com.br/revista/Downloads/edicao08/Artigo_348_364.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2015, p. 350.

<sup>9</sup> ESTEVÃO, Ana Maria Ramos. *O que é Serviço Social*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 17-18.

No Brasil antes da verdadeira institucionalização da área o trabalho social, como na Europa e nos Estados Unidos, estava intimamente ligado à Igreja: a problemática das desigualdades, questionada pelos religiosos, era levantada através de uma relação entre reformas na sociedade e manutenção da moral cristã dentro do contexto histórico brasileiro. Contexto esse, marcado pela grande concentração de terras através dos grandes proprietários rurais, péssimas condições dos trabalhadores durante o início do processo de industrialização do país como também, pelas camadas populares que acabavam sendo excluídas dos projetos urbanísticos das grandes cidades brasileiras e eram transferidas para cima dos morros como na cidade do Rio de Janeiro<sup>10</sup>, por exemplo:

O Serviço Social no Brasil, como veremos, é fruto da ação desenvolvida pela Igreja no campo social. Constatamos [...] que a preocupação fundamental da Igreja concentra-se na reforma social, na restauração da sociedade cristã, e essa será a preocupação do episcopado brasileiro<sup>11</sup>.

Com isso, a formação das primeiras escolas de Serviço social no país surgiu de uma necessidade de uma maior coerência institucional para atender às novas demandas da sociedade, conforme Aguiar comenta:

Da necessidade de uma ação mais coerente e organizada, surgem grupos, associação que por sua vez organizam cursos, semanas de estudos para a formação de seus quadros. No Brasil, constatamos a realização de cursos de formação social e de semana sociais, entre outros. Muitas das escolas de Serviço Social nascem de grupos que participaram dos cursos de formação social e das semanas sociais. Entre elas as de São Paulo, Rio de Janeiro, Natal e Porto Alegre<sup>12</sup>.

Assim com a formação das primeiras escolas de Serviço Social no Brasil ocorria um processo de profissionalização que, por sua vez, iria contribuir para a formação dos responsáveis da área no país. Além disso, com essa análise inicial sobre o contexto histórico de inserção do Serviço Social no Brasil continuamos nossas discussões, agora inserindo uma abordagem acerca da área no Estado.

<sup>10</sup> O projeto urbanístico conhecido historicamente como “Bota-abaixo” representou uma série de reformas na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Essas reformas procuravam demolir construções antigas para facilitar as obras existentes no período. Os principais prejudicados eram os mais pobres, pois moradores dessas antigas construções, muitos procuraram novos locais de moradia em regiões afastadas da cidade e sem nenhuma estrutura. ALVARENGA, Amanda. Bota-Abaixo. **Revista de História**, Rio de Janeiro, Biblioteca nacional, ano 6, no. 54, 2010.

<sup>11</sup> AGUIAR, Antônio Geraldo. **Serviço Social e Filosofia**: das origens à Áraxá. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1995, p. 20.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 28-29.

## 1. 2. A formação da Escola de Serviço social no Ceará

A história do curso de Serviço social no Ceará se iniciou paralelamente a consolidação da atividade ainda na década de 1930 e a influência estadunidense nas décadas de 1940/1950 no Brasil. Sobre os anos de 1930, a principal preocupação era “melhorar os comportamentos, condições de higiene, à moral e à sua inserção na ordem social”<sup>13</sup> em relação às posições subalternas.

Essa preocupação remetia às práticas higienistas tão divulgadas a partir da Europa no final do século XIX e início do século XX. O respectivo discurso representava a preocupação com hábitos que prejudicavam a saúde pondo em risco a sociedade. As autoridades, claro, tinham uma preocupação maior com as classes populares e suas péssimas condições de vida, então a figura de um assistente social, dentre tantos profissionais porta-vozes do discurso higienista, era de extrema importância.

Já nas décadas de 1940/1950, depois do serviço social ter grande influência do ideal higiênico, a área ganhava contornos teórico-metodológicos baseados em uma harmonia entre Estado e sociedade: era o momento em que a influência europeia cedia lugar à estadunidense com o incremento de procedimentos pragmáticos, tecnicistas e ainda com a forte influência religiosa, como Aguiar menciona:

Na década de 1940, fato novo vai marcar a vida do Serviço Social brasileiro: o Serviço Social norte-americano, cuja presença será marcante nas décadas seguintes. Nesse período, a presença europeia é muito significativa, mas gradativamente o eixo de influência mudará. A presença norte-americana se fará através de técnicas para o agir profissional [e] [...] permanece na base dos princípios católicos<sup>14</sup>.

O contexto histórico nacional que marcava esse período de transição era representado pelo fim da ditadura de Getúlio Vargas e o processo de redemocratização do país no fim da década de 1940. No Ceará, por sua vez, prevalecia disputas entre políticos defensores da continuidade da política varguista e opositores:

Com o surgimento do processo de redemocratização do país, o Ceará também ingressa no movimento, ressuscitando os debates políticos e ideológicos polarizados pelos referidos líderes cearenses. Menezes Pimentel (interventor federal na época e defensor da ditadura varguista) e Fernandes Távora considerado “oposicionista histórico”, força mais importante na defesa da destituição da ditadura de Getúlio Vargas e do Estado Novo, e no apoio a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes a Presidência da República. Para tanto, é formada uma coligação política em março de 1945, denominada União Democrática Cearense (UDC)<sup>15</sup>.

<sup>13</sup> FREIRE, A. S.; CÂNDIDO, S. S., op. cit., p. 353.

<sup>14</sup> AGUIAR, Antônio Geraldo, op. cit., p. 57.

<sup>15</sup> OLIVEIRA *apud* COSTA L. F. A.; BEZERRA L. M. P. S.; PIO M. C., op. cit., p. 294.

Com isso, diante desse contexto de instabilidade política, projetava-se um profissional cada vez mais preocupado em coletar o maior número de dados possíveis para depois analisá-los e finalmente sugerir uma espécie de tratamento ou sugestões para a problemática encontrada na pesquisa. Como o Brasil, apesar da instabilidade política, passava por um período de forte industrialização promovido pelo Governo de Getúlio Vargas, os profissionais analisavam, por exemplo, a situação do operariado brasileiro nas diferentes regiões do país.

E foi nesse contexto de projeção de um novo profissional que a escola de serviço social do Ceará surgiu em 1950, vinculada ao Instituto Social de Fortaleza possuidora também da Escola de Educação Familiar. A respectiva Instituição, por sua vez, estava sobre a administração de religiosas da Congregação das Filhas do Coração de Marias:

No primeiro ano de existência, as alunas que se matricularam no Instituto Social de Fortaleza são em número de 68, sendo 42 no Curso de Serviço Social e 26 no de Educação Familiar. Neste, 17 são beneficiadas em bolsas de estudo, assim distribuídas: 13 para o curso de Serviço Social e 4 para o de Educação Familiar<sup>16</sup>.

Inicialmente, as disciplinas que englobavam a formação do profissional eram Sociologia, Psicologia, Patologia, Higiene, Enfermagem, Puericultura, Elementos de Direito Constitucional e Administrativo, Direito Civil, Moral, Contabilidade, Estatística, Círculo de Estudos e Serviço Social. Cabendo então entender que a área em seu início estava fortemente “sob a influência das posturas empiristas, positivistas e posteriormente funcionalista”<sup>17</sup>, passando a profissão “a reduzir-se à manipulação de teorias e conceitos sobre fatos sociais gerados de outras áreas”<sup>18</sup>.

Com a abordagem do contexto em que foi formado o respectivo curso, um importante aspecto se revela relacionado à *memória* e à aproximação entre instituições e sujeitos sociais, pois:

As transformações [...] são experimentadas [...] por sujeitos históricos de carne e osso, e não por estruturas ou instituições com voz e vida autônoma – até porque essas estruturas e instituições são invenções humanas manejadas por seres humanos em ação, que vivenciam processos e elaboram suas consciências e práticas políticas a partir da experiência<sup>19</sup>.

Logo, não podemos deixar de mencionar, no caso, os fundadores da associação de educação familiar e social de Fortaleza através dos nomes Dom Antônio Lustosa, Padre Vicente Matos, Manuel Antonio de Andrade Furtado, José Fernandes, José Valdevino de Carvalho,

<sup>16</sup> COSTA L. F. A.; BEZERRA L. M. P. S.; PIO M. C. op. cit., p 301.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 306.

<sup>18</sup> *Idem*.

<sup>19</sup> RODRIGUES, J. IV Criação e expansão da Unifesp: marcos da memória e da história instituição. In RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., e BIONDI, L. op. cit., p. 188.

Lincoln Mourão Mattos, Parsifal Barroso, Maria Áurea Bessa<sup>20</sup>. Além disso, muito mais do que nomes citados, apresentavam-se como agentes sócio-históricos pensando e interferindo no social ao desenvolver uma instituição a par das problemáticas da sociedade.

Com o prosseguimento de nossa análise explanamos que em 1956 o Instituto Social do Ceará foi agregado a então Universidade do Ceará. Nesse período, entre tantos documentos históricos que subsidiam tal artigo, temos a primeira monografia defendida no curso de Serviço Social e presente na obra referenciada anteriormente. A pesquisa finalizada, ainda no ano de 1953 por Sarah Fiusa Leão se tornou importante não só por mostrar o referencial teórico-metodológico que prevalecia (no caso, a citada escola estadunidense de assistência social), mas também por apresentar os primeiros passos da atuação profissional do curso no Estado ao pesquisar operários de uma fábrica têxtil, em Fortaleza na década de 1950:

A produção monográfica [...] considerada como documento histórico, é emblemática de determinada linha interpretativa acerca da sociedade cearense no período, propiciando apreender as tramas de suas relações sociais e até mesmo extrair de suas entrelinhas algumas das múltiplas expressões da questão social do Ceará, à época<sup>21</sup>.

De forma resumida a respectiva monografia continha uma introdução, o processo da pesquisa, uma série de dados estatísticos bem como, apontamentos sobre soluções que pudessem trazer melhorias para os trabalhadores. Entre tantos dados estáticos reproduzimos, por exemplo, um gráfico apresentando o número de cômodos das habitações dos operários. Além de dados relacionados à moradia, a preocupação da estudante era também buscar um maior número de informações para entender as condições de vida e assim, diante de tal compreensão, buscar medidas de melhorias como podemos analisar nos itens a seguir. Ainda sobre a monografia, apesar do tecnicismo e na predominância do quantitativo, não podemos diminuir a importância da pesquisa a partir de sua preocupação com as relações entre patrões e empregados.

<sup>20</sup> Fundadores do Instituto Social de Fortaleza.

<sup>21</sup> COSTA L. F. A.; BEZERRA L. M. P. S.; PIO M. C. op. cit., p 20.

FÁBRICA DE TECIDOS SÃO JOSÉ  
DISTRIBUIÇÃO DOS OPERÁRIOS, SEGUNDO O NÚMERO DE PEÇAS  
DA CASA ONDE RESIDEM

TABELA VI Casas visitadas: 366

E S P E C I F I C A Ç Ã O	Total de casas%
Casas com 1 peça.....	1
Casas com 2 peças.....	17
Casas com 3 peças.....	48
Casas com mais de 3 peças.....	34
Total.....	100

Dados estatísticos da respectiva monografia apresentada<sup>22</sup>

Outro aspecto importante relacionado à monografia remete aos locais utilizados para as atividades práticas: lugares ligados à área de saúde, educação ou ainda econômico. Cabe então destacar o Departamento estadual de saúde, Fábrica de tecidos São José, o trabalho em paróquias ou instituições relacionadas a menores.

Relevante como fonte histórica e importante para compreender as bases teórico-metodológicas dos assistentes sociais, a monografia de Sarah Fiusa Leão se tornou destaque também para entender os rumos do Serviço Social no país. Assim, tais métodos influenciados pela escola estadunidense cada vez mais embasavam uma proposta de atuação, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, que se alinhava às óticas desenvolvimentistas presentes nos projetos políticos como o do presidente Juscelino Kubitschek com isso, o profissional da área estaria responsável pelo o desenvolvimento do país:

Neste momento, os “assistentes sociais se propõem a aceitar o desafio de sua participação no novo projeto desenvolvimentista, exigem posições e funções, e avaliam as formas para prepara-se para desempenhá-las no contento”. “Propõem-se [...] a contribuir para o processo de mudança exigido pelo desenvolvimento”, enfim, os grandes problemas estruturais terão soluções técnicas<sup>23</sup>.

No entanto, cabe ressaltar que paralelamente a essa presença desse tipo de atuação profissional no país, emergia na década de 1960 grupos de pensadores da área preocupados em elaborar novas propostas para o Serviço social bem como, fundamentar sua função crítica e de transformação. Assim, a partir de tais questionamentos seguimos para o próximo tópico.

<sup>22</sup> *Idem.*

<sup>23</sup> ESTEVÃO, Ana Maria Ramos, op. cit., p. 31.

## 2. O mundo em crise e perspectiva crítica do Serviço social; a ditadura que *cala* transformações.

Em um contexto global marcado por incertezas e imposições através de uma disputa por influência política das potências econômicas da época, uma série de reivindicações pululavam pelo mundo, especialmente a partir da década de 1960, assim minorias procuravam mostrar suas vozes buscando reconhecimento: estudantes, negros, mulheres e outros grupos minoritários. Além disso, suas pretendidas transformações calcadas principalmente nas ideias socialistas que ressoavam ao longo do século XX. Como não poderia ser evitada também, a forma de produção do conhecimento estaria definitivamente em xeque. Com isso, áreas como o Serviço social, através de seus estudiosos, dirigiam as discussões para uma busca de uma disciplina mais crítica e transformadora e tendo o pensamento marxista, como um norteador para tal mudança.

Esses movimentos de elaboração crítica articulam-se com as lutas estudantis e lutas políticas pela transformação das relações de dependência entre países e das relações de exploração e dominação entre classes. A chamada geração de 65 [...] marcadamente latino-americano, questionando o importado, enquanto outros, já influenciados pela Revolução Cubana e pela luta anti-imperialista e anti-stalinista dos anos 60, passaram a crítica do processo de dominação de classe presente no Serviço Social implicando também a crítica à burocratização do Serviço Social. Buscavam uma outra inserção do Serviço Social junto às classes trabalhadoras, na realidade a elas articulada<sup>24</sup>.

Postulados contemporâneos das ideias de Karl Marx passavam a influenciar nas discussões bem como, levavam os profissionais a terem um olhar mais aguçado para os grupos sociais atingidos pelas desigualdades que permeavam a sociedade, logo, a questão não se restringia a soluções pontuais e sim a possibilidades de transformação e superação das problemáticas promovedoras dos abismos sociais. O Serviço social estaria a par de reflexões mais profundas, procurando distanciar da preocupação quantitativa para encontrar meios para a mobilização popular a partir dos diferentes grupos engajados na sociedade, como os sindicatos ou os movimentos populares<sup>25</sup>.

No entanto, essa tentativa de mudança por parte de alguns profissionais foi reprimida por causa da ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1985: principalmente nos 1960, o Serviço Social se viu cerceada pelo controle do Estado:

O período da ditadura militar marcou profundamente o Serviço Social brasileiro. Ao mesmo tempo em que a vertente profissional crítica, que emergiu entre os anos 1961 e 1964, foi sufocada pela repressão, a profissão foi reforçada pela expansão do mercado de trabalho e pelo debate gerado na categoria sobre questões relacionadas à teoria e ao método do Serviço Social.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> FALEIROS, Vicente de Paula. **Saber profissional e poder institucional**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 17.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 104-105.

<sup>26</sup> ASSUMPCÃO, Raiane Patrícia Severino; CARRAPEIRO, Juliana de Magalhães. Ditadura e serviço social no Brasil: contribuições para prosseguir rompendo com o conservadorismo na profissão. **Revistas Lutas Sociais**, São Paulo, vol.18 n.32, p.105-118, jan./jun. 2014, p.106.

*Em relação a repressão*, no Ceará, como em outras regiões do país, o curso foi duramente cerceado: a postura teórico-metodológica, produção de pesquisa, formação teórica dos estudantes ou qualquer âmbito era passível de cerceamento. É nesse contexto que retomamos ao conceito de *memória*, pois ao buscar as lembranças dos sujeitos remetemos às possibilidades de entender, por exemplo, as atuações dos mesmos diante de uma conjectura tão repressora. Ferreira aponta de forma pertinente o papel da lembrança:

A noção de memória remete tanto aos mecanismos de acumulação, vinculando-se às formas de conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento de representações sociais. Vinculada ao universo de interações e significações de um sujeito em seu mundo, é essa reinterpretação constante do passado, sua reconfiguração e formas de ação no presente [...] <sup>27</sup>.

Assim, buscamos no depoimento da assistente social Neíse Távora de França e Silva, depoimento esse também presente na obra referenciada e realizada por estudantes do curso em 2009, a situação de repressão que se encontravam muitos estudantes no período. Nesse trecho de seu depoimento, a entrevistada contou como foi sua colação de grau em Pedagogia (curso concluído antes de ingressar no Serviço social):

Quando cursei pedagogia [...] justamente em 64-68 foi o auge da repressão. Foi na Federal e por incrível que pareça a repressão era tão grande, mas tão grande que tinha pessoas assistindo as aulas com a gente para ver o que o professor ministrava. Quando nós concluímos, agora está fazendo 40 anos da turma de conclusão de pedagogia, nós não colamos grau porque não podia haver nenhuma aglomeração de estudantes e nós colamos grau no gabinete do Reitor [...] foi na época da minha juventude mesmo e aquele contexto foi muito difícil <sup>28</sup>.

Também na fala da profissional temos a compreensão sobre a relação entre as produções acadêmicas e a repressão militar, quando os censores praticamente vasculhavam qualquer pesquisa considerada *subversiva*, assim eram censurados qualquer estudo que referenciavam nomes de estudiosos considerados *de oposição às ideias do regime*, principalmente:

Pessoas que escreviam a monografia (que era o TCC) e que utilizavam, por exemplo, Paulo Freire, naquela época, tido como uma pessoa que não podia ser lida nem discutida na sala de aula, a direção não proibia, as pessoas escreviam a monografia do jeito que queriam, mas depois eram enterradas. Vocês sabiam [...] que as monografias eram enterradas? Por causa do controle. Eles frequentavam a biblioteca, eles liam as monografias que estavam sendo escritas, então aquelas que tinham uma literatura que na época era proibida, eram escondidas ou nas camas das freiras ou enterradas... e assim passavam muitos trabalhos, muita literatura que era lida e que era escondida e que as pessoas não podiam ter, então foi mais ou menos assim esse tempo essa época de 60, 70, muito complicada <sup>29</sup>.

<sup>27</sup> FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Políticas da memória e políticas do esquecimento. *Revista Aurora*. Pelotas: UFPEL, n. 10, 2011, p. 102.

<sup>28</sup> SILVA. Neíse Távora de França e. Depoimento: [2009]. op. cit., p 344.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 345.

Em outra fala percebemos também a tentativa de docentes e discentes de burlar tal vigilância, como a atuação de um professor na época que evitava uma superficialidade em sua disciplina de Sociologia através da exposição do momento de turbulência do país:

Naquele tempo tinha a Formação Econômica e Social do Brasil [Sociologia], só que o professor (não me lembro o nome dele, só que ele era uma sumidade, um pesquisador muito crítico) embora tendo todo aquele controle da época, conseguia driblar e dá uma formação de qualidade em nível da realidade brasileira da época<sup>30</sup>.

Ainda sobre a questão da repressão a entrevistada ressaltou o papel de Dona Áurea Bessa que constantemente estava ao lado das alunas, inclusive em momentos extremos como prisões envolvendo estudantes:

Durante a formação teve uma pessoa que marcou profundamente a minha formação, foi a Dona Áurea Bessa [...] Então ela falava muito pra gente, quer dizer foi o momento da repressão e ela viveu esse momento. Inclusive ela foi presa também, tiveram algumas alunas presas e ela foi pra prisão também. Ela disse que ficava presa com as alunas até soltarem as alunas, até que o Arcebispo conseguisse soltar todo mundo<sup>31</sup>.

Ao analisar tais depoimentos, percebemos as diferentes situações testemunhadas por quem viveu tal situação. Aqui a questão da *memória* mais uma vez é reforçada, agora diante de fatos históricos que de alguma forma deixaram marcas traumáticas nos sujeitos envolvidos, como as ditaduras ocorridas na América Latina especialmente durante as décadas de 1960 e 1970. Pois as lembranças desses traumas colocam em emersão a barbárie ocorrida no período como também, se tornam porta-vozes de histórias a se perpetuarem, mantendo e deixando vivas porque “a memória é um bem comum, um dever [...] e uma necessidade jurídica, moral e política. A confiança nos testemunhos das vítimas é necessária para a instalação de regimes democráticos e o enraizamento de um princípio de reparação e justiça<sup>32</sup>”.

Assim, demonstrando através dos depoimentos mostrados anteriormente nota-se como não só no Brasil durante a ditadura militar, mas também em outros contextos históricos a forma como o conhecimento passa ao controle de quem está no poder através do cerceamento, da censura ou de outras maneiras de controle. Por outro lado, analisamos o conhecimento em prol dos questionamentos buscando frequentemente subterfúgios de escape, de liberdade, ou seja, “frestas” para fugir de tal submissão. Perpetuar tais situações, como as ocorridas nos diferentes cursos de graduação durante o regime militar, serve também para deixar latente a forma como diferentes indivíduos podem constantemente buscar saídas para tal opressão.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 346.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p.345.

<sup>32</sup> SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 41.

Ao abordar agora a *expansão do mercado de trabalho* e o *debate* remetemos então, respectivamente às demandas profissionais e teórico-metodológicas existentes na área. O primeiro se referia ao contexto de atuação profissional. Cardoso (2006), por exemplo, ao analisar tal atuação demonstra que na época do regime militar três frentes existiam:

[No] Estado que respondia a questão social, coercitivamente [...]; [nas] multinacionais que necessitavam de profissionais e compreendessem do aparato burocrático, bem como intervissem diretamente na relação Capital/Trabalho num momento de manifestações dos trabalhadores, e, [na] Filantropia privada que crescia como aprofundamento da questão social visto que o Estado preocupava-se cada vez mais com sua política econômica de fortalecimento [...]<sup>33</sup>.

Logo, principalmente nas duas primeiras frentes (respectivamente com a criação de novas empresas estatais e a maior entrada de empresas estrangeiras), o mercado de trabalho se expandia apresentando a necessidade de um “profissional ‘moderno’, com procedimentos racionais, que dê conta de estar nos novos cargos e funções a ele atribuídas, bem como, estabelecer diálogo entre o empregador e a classe trabalhadora no contexto ora citado”<sup>34</sup>.

Já o segundo se referia aos debates entre os estudiosos em relação aos novos rumos do Serviço social, pois, apesar da repressão encontrada no âmbito acadêmico nesse período, tais discussões não cessaram, pelo contrário, as mesmas se fortaleceram entre a segunda metade da década de 1960 e a primeira metade dos anos 1970. Além disso, a própria expansão do mercado de trabalho e a consolidação do Serviço social no âmbito universitário também contribuíam para novas propostas da área. Assim, esse primeiro momento conhecido como movimento de *reconceituação* do Serviço social<sup>35</sup> se tornou um momento de relevância pois, entre os projetos existentes, aparecia uma tentativa de ruptura em relação a uma atuação profissional tradicional.

<sup>33</sup> CARDOSO, Priscila Fernanda Gonçalves. **Havia uma ética no meio do caminho?** A afirmação da necessária centralidade da ética na formação profissional dos assistentes sociais: Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006, p. 82-83.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>35</sup> Esse movimento, inclusive contou com a produção especialmente de dois documentos, o Araxá (1967) e o Teresópolis (1970) que tinham como base novas proposições teórico-metodológicas para o Serviço Social. Outro aspecto, conforme mencionamos, a ser abordado eram seus projetos acerca da atuação dos profissionais: de um lado, um segmento preocupado em reformular, porém dentro de uma perspectiva tradicional, essa atuação; do outro, um grupo focado em promover uma definitiva ruptura com esse tradicionalismo. Sobre esse segundo grupo, cabe lembrar que seu projeto ficou incluso, pois como o movimento ocorria paralelamente ao regime militar não só no Brasil, mas também na América Latina foi duramente reprimido e assim, não postergando suas propostas, além disso sua base teórica não era coesa e profunda a ponto de seguir com tais mudanças. No entanto, cabe ressaltar que suas tentativas influenciariam, posteriormente, o processo definitivo de renovação do Serviço Social no Brasil na década de 1980. NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

## 3. Da década de 1970 aos dias atuais: o Serviço social e sua renovação.

Ano de 1975, em uma propriedade que funcionava a graduação de Veterinária do Estado localizada no bairro Itaperi estava sendo instalada a Universidade Estadual do Ceará. Incorporavam-se à instituição: a Escola de Administração do Ceará, Faculdade de Veterinária do Ceará, de Serviço social de Fortaleza, de Enfermagem São Vicente de Paula, além da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, essa fixada em Limoeiro do Norte. Agora como curso de graduação, a área analisada nesse texto tornava-se a grande referência da UECE em termos de procura de vagas e formação profissional como mencionamos anteriormente. Em resumo: a atuação do Serviço social relacionada a serviços para a comunidade se confundia com a própria Universidade nesses quarenta anos de vínculo.



Alunas que acompanharam o processo de transição da antiga sede localizada na avenida Barão de Studart para o Campus do Itaperi<sup>36</sup>



Alunas no Campus do Itaperi<sup>37</sup>

<sup>36</sup> COSTA L. F. A.; BEZERRA L. M. P. S.; PIO M. C. op. cit..

O contexto histórico que marcava a fixação do Serviço social à Universidade estadual do Ceará e por consequência a sua presença no Campus do Itaperi foi a emersão de um processo de renovação da área, nos anos de 1980 em que diversos profissionais voltavam a discutir o futuro profissional da mesma retomando aquela ideia inicial de transformação promovida nos anos 1960 durante o regime militar.

Assim, foi nos corredores do curso, especialmente a partir da década de 1980, que estudantes e professores dividiam discussões sobre os novos caminhos da área. Eventos científicos, pesquisas, várias atividades ou materiais procuravam buscar novos caminhos teórico-metodológicos. Nas palavras de Neíse Távora:

Na década de 80-90 foi o auge de movimento de renovação do serviço social. Foi muito bom, a experiência foi maravilhosa. Participávamos de grupos, tirando as comissões de Revisão Curricular, de Estudo, de Pesquisa, tinha encontros promovidos pela ABESS em nível regional, local e nacional. Havia embates de grupos com posturas e pensamentos diferentes e a coisa era rica, porque havia discussão, um debate. Era efervescente o serviço social vivia fervendo. É tanto, que se mudava o currículo quase de dois em dois anos<sup>38</sup>.

Assim, o Serviço social definitivamente iniciava uma busca por renovação e adoção de uma nova postura de atuação para consolidar esse novo campo de trabalho da área. Com isso, a mesma procurava especialmente desde os anos de 1980 estar atento às problemáticas sociais e em constante inflexão para compreender sua posição na sociedade a partir de sua atuação profissional. Além disso, tais discussões ainda se encontram no rol de reflexão dos estudiosos, sempre com o objetivo de atualização quanto ao contexto social. No Ceará o curso, conforme mencionamos, recentemente comemorou seus sessenta e cinco anos e nos seus *entre caminhos* a instituição sempre significou referência no Estado.

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> SILVA. Neíse Távora de França e. Depoimento: [2009]. op. cit., 353.

## 4. Considerações finais.

Estudiosos como Tzvetan Todorov ou Andreas Huyssen respectivamente defendem que o mundo hoje vive em uma espécie de *boom* comemorativo e em uma ideia de *musealização* ou busca incessante pelo passado. Em suma: testemunhamos uma busca por datas comemorativas como também, uma preocupação exacerbada pela *memória*, como se o passado fosse se perder *entre os dedos* da sociedade. Ao retomar o interesse de analisar a trajetória dos sessenta e cinco anos do curso de Serviço social da UECE poderíamos então estar na tentação da época: a de buscar um *olhar* para o passado de modo superficial e descontextualizado.

Porém vamos destacar tal abordagem a partir de outra perspectiva. Analisar marcos temporais relacionados às instituições nos ajuda a compreender como as mesmas através dos sujeitos envolvidos em sua criação estão atuando na transformação do social e conseqüentemente do político ao buscar uma sociedade baseada na equidade. Assim, analisar a trajetória do curso de Serviço social, conforme citamos no início do texto, é reconfigurar uma história de indivíduos que constantemente estavam atuando em relação à sociedade a partir da construção de uma instituição formadora de profissionais atuantes nas problemáticas sociais e preocupados de inserir a mesma como instrumento promovedor da transformação.